

Infâncias e estranhamentos catárticos: uma análise fílmica a partir da psicologia sócio-histórica

“A arte como técnica social do sentimento” (VIGOTSKI, 1999a, p. 3).

*Adélia Augusta Souto de Oliveira
Martha Barbosa Pereira
Camila do Nascimento Lins Buarque*

Introdução

O presente capítulo discute a proposta metodológica de uso de “cenas emblemáticas” (OLIVEIRA; FERNANDES; SARMENTO; NASCIMENTO; PEREIRA; MENEZES, 2019) provenientes de filmes em pesquisas qualitativas para compreensão do conceito de infância, compartilhado socialmente. Essa

metodologia tem sido debatida e desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Epistemologia e Ciência Psicológica da Universidade Federal de Alagoas. Parte-se do pressuposto de que o filme reproduz uma perspectiva da cultura e do tempo específicos de seu contexto de produção, uma vez que o homem se revela naquilo que produz (SILVA; TULESKI, 2014), configurando-se, portanto, em instrumento potencial para investigação de fenômenos psicossociais.

Considera-se a infância como uma construção sócio-histórica, o que implica assumir que as formas de conduta que tipicamente são atribuídas às crianças são produzidas e, por isso, podem se modificar e variar, bem como ter adesão ou resistência (MARCHI, 2009). Assim, Frota (2007) aponta que a infância muda com “o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, e até mesmo com as peculiaridades individuais” (p. 151). Nessa direção, o uso de filme por ser concebido como uma produção localizada – geográfica e temporalmente –, que denota infâncias vividas por crianças únicas, mas que, ao mesmo tempo, revelam ao telespectador a posição, os valores e os lugares delas naquela sociedade e tempo histórico.

A experiência de infância permeada pelo trabalho, como um importante marcador social, está presente no filme argentino *El último verano de la boyita*, produzido em 2009 e dirigido por Julia Solomonoff. O drama retrata duas crianças protagonistas, Mário e Jorgelina, marcadas pelas diferenças culturalmente estabelecidas de gênero, classe social e espacialidades rurais e urbanas. A dimensão do trabalho ganha destaque na película pela frequência em que Mário, pertencente a uma família de trabalhadores do campo, aparece em situação laboral, enquanto Jorgelina busca diversão em meio às suas férias escolares na fazenda de seu pai. Essas atividades, aparentemente antagônicas, constituem os elementos estruturais que permeiam as histórias dos personagens, reproduzem e naturalizam, em certa medida, as relações desiguais. Em conformidade com a proposição de Bordwell e Thompson (2013), “geralmente, o filme expressa tendências de muitas ideologias sociais em sua tentativa de naturalizar o comportamento social” (p. 662). As películas retratam inquietações sociais que podem potencializar naturalizações ou superações. Questões que envolvem as atividades humanas, em especial o trabalho infantil, são temáticas sociais relevantes em diversas películas.

Em relação à questão do trabalho infantil, a literatura aponta para a necessária concepção de criança como um sujeito dotado de direitos. Portanto, esse tipo de trabalho estaria de encontro aos direitos fundamentais da criança (FRASCO-ZUKER, 2016; GUZMÁN; GUZMÁN; RÍOS; RIVERA, 2015; LABRUNEE; LAGUYAS; GONI, 2016; SANTANA; KISS; ANDERMANN, 2019). Essa concepção ganha relevo, sobretudo, por meio da definição da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Assim:

O termo “trabalho infantil” é definido como o trabalho que priva as crianças de sua infância, seu potencial e sua dignidade, e que é prejudicial ao seu desenvolvimento físico e mental. Ele se refere ao trabalho que: é mental, física, social ou moralmente perigoso e prejudicial para as crianças; interfere na sua escolarização; priva as crianças da oportunidade de frequentarem a escola; obriga as crianças a abandonar a escola prematuramente; ou exige que se combine frequência escolar com trabalho excessivamente longo e pesado (OIT, 2020a).

De acordo com os últimos dados disponibilizados pela OIT (2020b), estima-se que em 2016 152 milhões de crianças entre 5 e 17 anos foram vítimas de trabalho infantil no mundo, sendo 88 milhões de meninos e 64 milhões de meninas. Os dados apontam ainda que 71% do trabalho infantil concentram-se na agricultura. Frente ao cenário atual de pandemia do *Coronavirus Disease 2019* (covid-19), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) alerta para o risco de aumento do trabalho infantil durante e após a pandemia no relatório *Covid-19 and Child Labour: A Time Of Crisis, A Time to Act*, lançado pela Unicef em junho de 2020. O relatório evidencia fatores decorrentes da pandemia que impactam no aumento do trabalho infantil, como queda nos padrões de vida, deterioração das oportunidades de emprego, aumento da informalidade, redução de migração, fechamento temporário de escolas, entre outros (UNICEF, 2020).

Outro agravo importante diz respeito à evasão escolar ou, ainda, ao mau desempenho em atividades de ensino-aprendizagem causado pelo trabalho infantil. Interfere, portanto, no direito primordial da criança à escolarização.

Além dessa relação com a educação, a saúde tem sido discutida como outra dimensão em que a condição de trabalho afeta diretamente, devido às situações degradantes em que as crianças são expostas na atividade laboral, o que também pode afetar o pleno desenvolvimento desses sujeitos (AGUIAR JUNIOR; VASCONCELLOS, 2017; GONZALEZ; PEREZ; CONTRERAS, 2011; GUZMÁN; GUZMÁN; RÍOS; RIVERA, 2015; LABRUNEE; LAGUYAS; GONI, 2020; SANTANA; KISS; ANDERMANN, 2019; SILVA; IRIART; CHAVES; ABADE, 2019).

No entanto, cabe ressaltar a oposição frequente entre abolicionistas e regulacionistas, conforme proposto por Frasco-Zuker (2016). Os primeiros defendem a erradicação do trabalho infantil, em razão de seus efeitos negativos, enquanto o segundo grupo defende a proposta de regulamentação da atividade laboral para melhorar as condições de trabalho e assume a defesa do direito da criança de trabalhar, organizar e expressar suas opiniões. Essas duas posições evidenciam que a situação de trabalho na infância não é vista, unanimemente, como algo prejudicial. Estrada-Jimenez e Gomez (2018) apontam que a luta social não deve ser dirigida contra o trabalho infantil em geral, mas contra as formas perversas de exploração infantil, que sujeitam esse grupo de cidadãos a situações de escravidão, riscos físicos e mentais.

Estrada-Jiménez, Novoa-Vargas, Guío-Nitola e Espinel-Mesa (2015), por sua vez, observam que o trabalho tem potencial pedagógico como atividade social que envolve crianças, mas desde que ocorra dentro de um programa social projetado com responsabilidade e promoção de condições de dignidade.

Para além da relação linear, frequentemente, estabelecida entre a pobreza e o trabalho infantil (GONZALEZ; PEREZ; CONTRERAS, 2011; LABRUNEE; LAGUYAS; GONI, 2016), autores indicam fatores culturais como marcantemente envolvidos na causalidade, o que evidencia a complexidade do fenômeno. Paz e Piselli (2011) concluíram, a partir de dados sobre atividades de crianças e adolescentes, na Argentina, que a pobreza ou a privação material não são determinantes cruciais na decisão das famílias de colocar seus filhos na situação de trabalho. “[...] Por ‘determinante crucial’ se entiende aquí altamente significativo e independiente de los demás factores relacionados tanto con la pobreza como con el trabajo infantil” (PAZ; PISELLI, 2011, p. 139). Nesse

sentido, Innamorato e Reyes (2013) chamam atenção para a existência de práticas culturais em que determinadas atividades são parte da transmissão de valores, sobretudo familiares e comunitários. Outros fatores relacionados podem ser citados, de acordo com Labrunee, Laguyas e Goni (2016):

[...] el rol que juega la educación, – su acceso, calidad y brechas entre contenidos de la currícula con las necesidades de formación desde el punto de vista de las familias –, la cultura y algunos elementos del contexto – como el escaso acceso a servicios de cuidado infantil –. Rausky, (2009) por su parte, en un recorrido por las investigaciones académicas que tratan la temática expone, además de factores estructurales y culturales, la consideración de elementos fundamentales en la mirada de los sujetos sobre su entorno: los valores y creencias sobre el trabajo, la educación, la organización familiar, la infancia y las relaciones de género (LABRUNEE; LAGUYAS; GONI, 2016, p. 313).

Desse modo, as situações de trabalho que permitem experiências e configurações subjetivas das crianças imersas, no contexto do filme *El último verano de la boyita* serão analisadas numa perspectiva psicossocial crítica. Em função da análise objetivo-analítica, a partir de uma obra artística, tomamos o conceito de “estranhamento” em Vigotski (1999a; 1999b; 2009), com base no formalismo russo, como dispositivo de saída da realidade aparente para um aprofundamento na historicidade constitutiva dos fenômenos. Assim, propõe o autor uma habilidade para estar simultaneamente dentro e fora do papel, ou seja, um sujeito “em si” e “para si”.

[...] nenhum outro termo, dentre os empregados até agora na psicologia, traduz com tanta plenitude e clareza o fato, central para reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se

reduz, no fundo, a essa catarse, ou seja, à complexa transformação dos sentimentos (VIGOTSKI, 1965/1999a, p. 270).

De acordo com Marques (2015), o formalismo, movimento que cresceu na Rússia no século XX, ao tentar estabelecer como objeto de estudo a arte em si, prescindiu de sua genealogia ou de outros fatores externos a ela, cunhou um método de análise artística, baseado puramente nos elementos formais da obra, dispensando o enfoque analítico sobre o autor ou sobre o receptor da arte. Não haveria uma economia de esforços para compreensão da realidade por meio da arte, pois esta não é uma reprodução daquela; a forma artística possibilita o “estranhamento” (*ostraniênie*) do habitual, uma nova visão do objeto representado a partir de uma ótica outra:

O que chamamos arte, então, existe para retomar a sensação de vida, para sentir os objetos, para fazer da pedra, pedra. A finalidade da arte é oferecer o objeto como visão e não como reconhecimento: o procedimento da arte é de ostraniênie dos objetos, o que consiste em complicar a forma, em aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato da percepção é, na arte, um fim em si, e deve ser prolongado. A arte é um meio de viver a feitura do objeto; aquilo que já foi feito não interessa em arte (MOLINA, 2019, p. 161).

Marques (2015) destaca a diferenciação realizada por esse movimento sobre a especificidade da arte como uma reorganização particular e única dos elementos constitutivos da obra, “daí decorre a aceção de *material* como tudo aquilo que o artista encontra pronto (palavras, sons, fábulas correntes) e de *forma* como a organização artística desse material” (MARQUES, 2015, p. 43, grifos da autora). Destarte, o objetivo final da arte de possibilitar “estranhamento” do objeto representado decorreria da forma artística como princípio construtivo da obra, dispensando a importância do conteúdo.

No entanto, a negligência dos formalistas para com a matéria da obra, uma vez preterida em relação à forma, é criticada por Vigotski, que se apropria

desse conceito, à medida que ele aponta uma contradição na proposição formalista. O objetivo da arte seria inovar – dar outro olhar a – a matéria da obra, o que a tornaria significante (MARQUES, 2015). Vigotski evidencia a limitação do formalismo ao desconsiderar que a escolha do material na arte tem um sentido psicossocial. Portanto, engendram um arranjo artístico, não por acaso, entre a forma e o conteúdo que, de modo, inseparáveis e imprescindíveis, constituem a arte.

No presente capítulo, a partir das considerações vigotskianas de estranhamento, analisaremos as contradições entre forma e conteúdo que possibilitam um novo olhar à forma, aos objetos e aos fenômenos representados no filme. Assim, propomos o exercício de estranhar o que emerge na realidade aparente, na tentativa de desvelar seus movimentos dialéticos constitutivos. Ou seja, a base da catarse está na “natureza contraditória que subjaz à estrutura de toda obra de arte” e no antagonismo das emoções suscitadas pelo material e pelas emoções estimuladas pela forma, direcionadas em sentidos opostos (VIGOTSKI, 1965/1999a, p. 270).

Cenas emblemáticas

O filme é parte do banco filmográfico do nosso Grupo de Pesquisa, que contém informações de 112 filmes de 40 países, produzidos entre os anos de 2007 e 2017, o qual retrata crianças e infâncias. Sua escolha se deu a partir da disponibilidade integral da película em plataformas on-line, e pela presença marcante de elementos visuais e contextuais sobre a categoria trabalho vinculada à infância, fenômeno de nosso interesse.

Em fase inicial da investigação, o filme selecionado foi assistido para identificação de cenas emblemáticas (OLIVEIRA; FERNANDES; SARMENTO; NASCIMENTO; PEREIRA; MENEZES, 2019) de infância(s) naquele contexto. Para tanto, considerou-se o protagonismo de alguma criança na cena imersa em aspectos sócio-históricos. Privilegiou-se o recorte das cenas que apresentassem, direta ou indiretamente, o marcador social “trabalho”, por se configurar, no filme, importante experiência para organização subjetiva de uma

das crianças protagonistas, ao mesmo tempo que evidencia formas de viver a infância perpassada pela condição social delas.

Assim, assistiu-se ao filme inúmeras vezes, atentando-se a elementos audíveis e/ou visuais de cenas emblemáticas, com os critérios referidos. A seguir, são escolhidas e descritas, pormenorizadamente, as cenas com a presença de uma ou mais crianças; indícios reveladores de um contexto social, histórico e cultural; e relacionadas à situação de trabalho por criança(s).

As cenas emblemáticas são consideradas pré-indicadores, ou seja, indícios e sinais que, ao serem articulados, compõem um significado. De acordo com Aguiar, Soares e Machado (2015), em função do levantamento de pré-indicadores deve-se identificar “[...] palavras que já revelam indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito, que, como ser mediado pela história, se apropria das características de sua cultura e as converte em funções psicológicas” (p. 61-62). Adicionamos aos pré-indicadores aspectos não verbais (ações, condutas, olhares e expressões faciais) que surgiram nas cenas.

Uma vez que os pré-indicadores foram localizados, temporalmente no filme e registrados, passou-se para a etapa de articulação de pré-indicadores para formação de indicadores. A sistematização dos indicadores se dá por critérios de similaridade, complementaridade ou contraposição, pretendendo-se apreender como os pré-indicadores se articulam e constituem formas de significação da realidade (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015). Nesse processo, ocorreu ainda uma aproximação, por meio de leituras localizadas, com a realidade da Argentina, país de origem da película, a fim de realizar um cotejamento com as informações presentes no filme.

Por fim, a construção e análise dos núcleos de significação (AGUIAR; OZELLA, 2006) permite realizar uma síntese dos indicadores e articular similaridades e contradições presentes nos fragmentos extraídos do filme. Tal movimento dialético permite a interpretação da historicidade presente nas categorias trabalho e infância, conforme discutido a seguir.

Estranhamento demarca contradições: trabalho e intersexualidade

As infâncias retratadas no filme argentino *El último verano de la boyita* (2009), por meio dos personagens Mário e Jorgelina, crianças protagonistas, mostram as determinações sociais e culturais que impulsionam modos de viver. A película permite, ainda, relacionar essas diferentes concepções de infância retratadas às influências culturais na zona rural e urbana, como também às atribuições e práticas baseadas em gênero, próprias do momento histórico particular no qual está ambientada a história e estruturam as sociedades, em sua universalidade.

A estruturação formal das cenas no filme leva-nos ao momento de antagonismos entre duas realidades distintas: a infância vivida por Jorgelina na cidade e a de Mário na fazenda. Já em cenas iniciais, Jorgelina é retratada como uma criança extrovertida, que brinca e tem uma relação próxima com a família. A sequência fílmica imprime uma formatação em que, lança luz aos seus deveres escolares, como única atividade obrigatória, o que não interfere em seu tempo disponível para se divertir. Mário, que vive no campo, por sua vez, é retratado em situação de trabalho em diversas cenas (50 s, 14 min 25 s, 15 min 44 s, 16 min 12 s, 17 min 4 s, 23 min 41 s, 37 min 50 s, 42 min 14 s, 49 min 13 s, 50 min 54 s, 1 h 3 min 45s). Esse antagonismo se apresenta como um estranhamento às escolhas de cenas: o trabalho sendo a atividade privilegiada a ser exercida por uma das crianças.

Por intermédio das cenas retratadas nos minutos elencados anteriormente, observa-se que há uma naturalização do trabalho desenvolvido por Mário, sendo este um indicador revelador de sua infância. Mário se configura subjetivamente por relações psicossociais, mediadas pelas atividades do universo masculino, majoritariamente restrito ao convívio com homens adultos que exercem também a atividade rural. Assim, estar a domar e montar cavalos se constitui consonante à função masculina naquele contexto. A cena emblemática, a seguir descrita, retrata a conversa entre Jorgelina e seu pai, em que enfatizam a visão social de Mário, como um homem e as condutas esperadas, como prova de sua masculinidade (22 min 30 s – 23 min 14 s):

Pai de Jorgelina: Trouxe o seu dever de casa? (Jorgelina acena em negativo) Jorgelina!

Jorgelina: Mário saiu da escola.

Pai de Jorgelina: Bem, aqui é diferente. Oscar precisa de ajuda e Mário não é mais uma criança.

Jorgelina: nós vamos para a corrida, não vamos?

Pai de Jorgelina: É claro! É importante para Mário e sua família. Ele precisa provar-se como um homem.

Jorgelina: Por que ele tem que provar? No caso de ele não gostar?

Pai de Jorgelina: Não, quero dizer, para provar a si mesmo... para mostrar que ele é um homem.

Jorgelina: E como ele vai mostrar?

Pai de Jorgelina: É assim que as coisas são aqui.

A cena nos impõe o antagonismo e estranhamento de Jorgelina às vivências de outra infância, opondo-se àquela a que estava habituada. Mário, apesar de ter uma idade próxima à da menina, tem obrigações diferentes: deve ajudar seu pai no trabalho e deve provar para si mesmo e para os outros que é um homem, por meio da corrida de cavalos. As formas fossilizadas de afirmação masculina ganham energia no contexto psicossocial da infância de Jorge. Seu desenvolvimento como sujeito está mediado pelo compartilhamento de significados (ALBERTO; SANTOS, 2011).

As cenas vão ilustrando a masculinidade, imersa no âmbito do trabalho, e sustentam a configuração subjetiva de “Mário trabalhador inserido socialmente em sua comunidade”. Assim, o filme nos indica um importante núcleo de significação. O filme nos prepara outro estranhamento – os indicadores vinculados à sua sexualidade –, que nos revela a contradição em sua inserção no mundo de atividades masculinas. Assim, temos outro núcleo de significação que gesta o estranho, estrangeiro, diferente: “Mário não atende à prescrição de gênero binarista e vivencia a intersexualidade infantil”. A fruição e catarse

vivenciada sintetiza a contradição entre forma e conteúdo. Estabelece-se, assim, o estranhamento dramático.

Nessa direção, considera-se que a intersexualidade é um conceito construído, historicamente, que, a partir do séc. XX, na sociedade ocidental, é associado ao modelo biomédico e significado, de modo fossilizado, a “uma patologização das situações que não condizem com o modelo bipolar do gênero” (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009, p. 1153). Essa ideia, por enxergar a ambiguidade genital como “anormal”, naturaliza a polaridade feminina/masculina hegemônica, o que reforça e naturaliza os papéis de gênero na sociedade. Diante disso, enfatiza-se a necessária superação do modelo biomédico hegemônico, em direção aos aspectos históricos, sociais e subjetivos da intersexualidade (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009).

Assim, a trama dramática conduz a um segredo sobre Mário que é desvelado por Jorgelina: a intersexualidade. Nessa condição, Mário percebe a si como anormal, conforme observado em uma cena, considerada emblemática (40 min 40 s – 41 min 30 s):

Mário (caminhando com Jorgelina): Eu não sou como os outros.

Jorgelina: Isso é porque você está mudando. É a adolescência.

Mário: Eu não sou normal.

Jorgelina: Eu também não sou muito normal.

Mário: Isto... não foi feito por ninguém. Não é uma cicatriz (Mário cochicha no ouvido de Jorgelina).

Jorgelina: Bem... minha avó tem um bigode. De todo jeito, eu gosto de você assim.

Mário se compreende como um corpo que escapa à normalidade prescrita e compartilhada socialmente. Os sentidos pessoais são aprendidos nas relações estabelecidas e significadas nesse contexto. As fronteiras entre o “natural” e o “não natural” são determinadas em normas sociais e vinculam-se o não natural à ideia de “anomalia” (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA,

2009; MACHADO, 2005). O corpo e suas vivências se constituem, portanto, como indicador de núcleos de significação da infância diferenciada de Mário.

As cenas indicam sinais de sigilo necessário, conferido pelas próprias crianças (35 min 39 s) e as reações dos pais de Mário. No entanto, quando o segredo vem à tona e uma sequência de vivências nos coloca frente ao novo estranhamento, somos arremessados a afetos contraditórios e constrangedores. Assim, a mãe se nega a aceitar a situação (58 min 41 s) e o pai reprime com violência física (1 h 2 min 3 s).

A adolescência e a sexualidade serão evidenciadas por meio de paradoxos: Jorgelina explora imagens em livros sobre as mudanças anatômicas na puberdade, como que curiosa ou até mesmo, aguardando-as. Contudo, as mudanças ocorrem em Mário, que tenta afastar o desvelar de si e de seu corpo. Afinal, sabia que sua intersexualidade seria negada e violentada, mesmo que, vejamos a agressão física de seu pai, por sombras na janela de seu quarto.

O sentido subjetivo se evidencia nas tentativas de Mário ser reconhecido em atividades rurais masculinas. Assim, o trabalho e a corrida de cavalos permitem um engajamento socialmente aceito e valorizado. Nessa direção, o trabalho se descortina como a atividade humana que produz Mário em todo o enredo. Merchán e Henao (2008), em discussão sobre a dimensão ética e afetiva do trabalho infantil, enfatizam o fazer-se trabalhador como identidade pessoal e social, ou seja, uma maneira de adquirir reconhecimento e respeito dos demais, sobretudo da família. Ainda, Frasco-Zuker (2016), em investigação sobre a experiência do trabalho de crianças em localidade da Argentina, observa que os marcadores de idade e sexo estariam envolvidos na atividade, uma vez que “se tornar homem” implica uma transição para a vida adulta, que é parcialmente promovida por trabalhar.

Destarte, Mário percebe-se e define-se como trabalhador, a exemplo das afirmações à Jorgelina, de que está trabalhando ou tem que trabalhar. Alberto e Santos (2011) apontam que as crianças, em situação de trabalho, estruturam a subjetividade a partir dele. Identificam-se como trabalhadores e reproduzem, no trabalho, o modo de vida adulto. Essas autoras ainda enfatizam que o exercício do trabalho interfere em outras esferas, que seriam importantes na infância, como a educação escolar e o brincar, os quais são tolhidos ou

suspensos. Podemos identificar no filme que, somente após a interferência de Jorgelina, Mário passa a ser retratado em situações diferentes da atividade do campo.

Dessa forma, o drama retrata a história de Mário em constante empenho no trabalho, em detrimento de outros espaços de configuração de subjetividade, os quais permitem uma ampliação de vivências emocionais e desenvolvimento de si, atrelados aos sistemas relacionais, pois (re)constituem significados e sentidos e (re)produzem a humanidade (MERCHÁN; HENAO, 2008). Assim, Mário se constitui em seu contexto de trabalho e nas relações lá vivenciadas, com redução de compartilhamento de experiências em espaços lúdicos ou escolares, conforme relatado na cena descrita (22 min 30 s – 23 min 14 s). Nesse contexto, cabe salientar que Santana, Kiss e Anderman (2019) indicam que trabalho na infância e acesso limitado à escola com pouco contato com os pares, para a realização de brincadeiras, afeta e restringe a diversidade de experiências, durante o desenvolvimento físico, psicológico e social do indivíduo.

Na direção dessas brincadeiras, deparamo-nos com outro estranhamento, ou seja, o que já estava formalmente definido como personagem, ganha uma divergência interessante ao vislumbrar Mário, em momentos de liberdade, ao brincar com Jorgelina. Assim, surge o conteúdo que permite um terceiro núcleo de significação: “As modificações subjetivas mediadas por vivências que as ressignificam”. A relação com Jorgelina oferece a Mário novas possibilidades de vivência e de criação de si. Uma cena emblemática, cuja imagem foi utilizada no cartaz de divulgação do filme, retrata as duas crianças, correndo a galope em um cavalo e com expressões faciais felizes, em notável diversão (32 min 49 s). Revelam encontros que potencializam a expressão e ampliação de consciência.

Na mesma direção, indicamos outra cena emblemática (43 min 40 s – 45 min 11 s), cujo conteúdo privilegia os aspectos visuais, as crianças protagonistas se fantasiam e interpretam papéis contrários ao esperado e prescrito socialmente: Jorgelina se caracteriza com barba e chapéu masculino, e Mário com peruca, chapéu feminino e sapatos de saltos altos. A dimensão imagética e criativa rompe o silêncio relacionado à intersexualidade e permite diferentes existências. Assim, põe-se em evidência a oposição entre a condição estática

da masculinidade no cotidiano de trabalho de Mário e esse outro lugar, de criação e imaginação, que emerge como outra possibilidade de vivenciar a sexualidade, ainda que por meio do brincar.

Essa potencialidade será ainda identificada em dois momentos: (1 h 13 min 10 s) cena da corrida de cavalos, em que ele continua a cavalgar, mesmo após atravessar a linha que o determinava vencedor; (1 h 16 min 27 s) ao se despir e entrar no rio junto à Jorgelina para banharem-se. Nesse momento, parece-nos que há uma conciliação de Mário consigo mesmo. Aqui, vale ressaltar que as cenas ocorrem em uma exuberante ambientação natural, aspecto que nos chamou atenção, pois as fotografias do filme contrapõem as imagens calmas e exuberantes junto à natureza com as tensões vivenciadas por Mário, em meio à profusão de sentidos, emoções e sentimentos vinculados ao corpo.

Jorgelina, por sua vez, retorna à cidade transformada, em decorrência do segredo desvelado. A menina se apresenta quieta em seus pensamentos e reserva aos acontecimentos na fazenda uma dimensão privada (1 h 20 min 2 s – 1 h 20 min 20 s). Essa mudança vai ao encontro de pedidos de privacidade de sua irmã mais velha que, no início do filme, não exibia seu corpo em processo de mudança decorrente da puberdade. Assim, o desfecho, formalmente, retorna às cenas iniciais do filme, com as mesmas pessoas, o que enfatiza um conteúdo de transformação. Ilustra, portanto, um processo dialético de superação e demarca historicamente *El último verano de la boyita*.

Conclusão

Consideramos o potencial interpretativo de filmes para a demarcação de estudos psicossociais das infâncias produzidas em contextos históricos, sociais e culturais. As cenas emblemáticas permitem reunir núcleos de significação, a partir de reprodução da realidade material – localizada geográfica e historicamente – e possibilitou vislumbrar um intercruzamento entre as categorias – infância, trabalho, gênero e classe social.

O trabalho na infância de Mário permitia silenciar sua experiência intersexual e reafirmar sua condição de classe social, em que se naturaliza o trabalho

desde criança nas atividades rurais. O trabalho se configura como importante demarcador social.

A contradição se expressa no encontro com Jorgelina, que estudava na cidade e, também naturalmente, poderia se divertir em suas férias. O encontro com seus corpos e mudanças processuais, na dimensão da sexualidade, será motor de vivências silenciadas, proibidas e transformadoras. Assim, “vivenciar e realizar uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas” (VIGOTSKI, 2009a).

Referências

- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 ago. 2020.
- AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cad. Pesqui.*, v. 45, n. 155, p. 56-75, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000100056&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 ago. 2020.
- AGUIAR JUNIOR, V. S.; VASCONCELLOS, L. C. F. Infância, trabalho e saúde: reflexões sobre o discurso oficial de proibição do trabalho infantil. *Saúde debate*, v. 41, n. spe2, p. 25-38, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042017000600025&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 abr. 2020.
- BORDWELL, D.; THOMPSON, K. *A arte do cinema: uma introdução*. Tradução: Roberta Gregoli. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da USP, 2013.
- CANGUCU-CAMPINHO, A. K.; BASTOS, A. C. S. B.; LIMA, I. M. S. O. O discurso biomédico e o da construção social na pesquisa sobre

intersexualidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 4, p. 1145-1164, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000400013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2020.

EL ÚLTIMO Verano de la Boyita. Produção e direção: Solomonoff, J. Produção: Salvia, P., Seabra, L., Almodóvar, P., & Arida. M. T. Argentina: Cameo Media, 2009.

ESTRADA-JIMÉNEZ, J. M.; NOVOA-VARGAS, L. N.; GUÍO-NITOLA, L. A.; ESPINEL-MESA, A. P. Dispositivos para generación de discurso y fundamentos conceptuales del trabajo infantil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 13, n. 1, p. 329-341, 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2015000100020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2020.

ESTRADA-JIMENEZ, J. M.; GOMEZ, L. M. M. Trabajo infantil y situaciones límite familiares. *Rev. colomb. soc.*, v. 41, p. 189-204, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsc.v41n1Supl.65837>. Acesso em: 20 maio 2020.

FRASCO-ZUKER, L. Investigación etnográfica sobre experiencias de trabajo infantil en el noreste argentino. *Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv*, v. 14, n. 2, p. 1205-1216, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2016000200023&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2020.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estud. pesqui. psicol.*, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 02 fev. 2020.

GONZALEZ, K. A.; PEREZ, R. Q.; CONTRERAS, M. Y. Determinantes y consecuencias del trabajo infantil: un análisis de la literatura. *Rev. fac. cienc. econ.*, v. 19, n. 1, p. 113-124, 2011. Recuperado de http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-68052011000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2020.

- GUZMÁN, M. F. S.; GUZMÁN, M. N. S.; RÍOS, M. D. M. M.; RIVERA, M. M. Impacto de trabajo infantil en el rendimiento escolar de adolescentes en poblaciones rurales: estudio de caso. *Rev. Lasallista Investig.*, v. 12, n. 1, p. 147-153, 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-44492015000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2020.
- INNAMORATO, M. P.; REYES, P. R. Particularidades y complejidades del trabajo infantil: aspectos conceptuales y aproximación empírica a un fenómeno oculto con dimensiones diversas. *Rev. fac. cienc. econ.*, v. 21, n. 1, p. 25-42, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-68052013000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 mar. 2020.
- JUAREZ, S. M.; ALBERTO RE, D. El trabajo infantil rural en México y Argentina. El caso de dos complejos agroindustriales. *Soc. Econ.*, v. 29, p. 91-106, 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-63572015000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 fev. 2020.
- LABRUNEE, M. E.; LAGUYAS, M. M.; GONI, M. E. Potencialidades locais para a abordagem abrangente do trabalho infantil no partido General Pueyrredón, Argentina. *Trabalhos soc.*, v. 26, p. 309-325, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712016000100018&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 10 fev. 2020.
- MACHADO, P. S. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. *Cad. Pagu*, n. 24, p. 249-281, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2020.
- MARCHI, R. C. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma para os Estudos Sociais da Infância. *Revista Educação & Realidade*, v. 34, n. 1, p. 227-246, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8467>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- MERCHÁN, M. E. P.; HENAO, M. S. El trabajo infantil como práctica de crianza: contexto de una plaza de mercado. *Hacia la Promoción de la*

- Salud*, Manizales, v. 13, p. 95-120, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/hpsal/v13n1/v13n1a06.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- MOLINA, D. G. Arte como procedimento, de Viktor Chklóvski. *RUS*, [S. l.], v. 10, n. 14, p. 153-176, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/153989>. Acesso em: 10 out. 2020.
- OLIVEIRA, A. A. S.; FERNANDES, D. C.; SARMENTO, M.; NASCIMENTO, M. G.; PEREIRA, M. B.; MENEZES, S. K. O. As infâncias e crianças na filmografia de dramas. *Atas do 8º Congresso Ibero-americano de investigação qualitativa*, v. 1, p. 238-247, 2019. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2082/2016>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO [OIT]. *O que é trabalho infantil*. 2020a. Disponível em: https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-infantil/WCMS_565163/lang-pt/index.htm#:~:text=Nem%20todo%20o%20trabalho%20exercido,seu%20desenvolvimento%20f%C3%ADsico%20e%20mental. Acesso em: 10 jul. 2020.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO [OIT]. *Trabalho infantil*. 2020b. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/temas/trabalho-infantil/lang-pt/index.htm#:~:text=Fatos%20e%20n%C3%BAmeros%20globais&text=Em%202016%2C%20152%20milh%C3%B5es%20de,de%2012%20anos%20de%20idade>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- PAZ, J. A.; PISELLI, C. Trabalho infantil e pobreza familiar na Argentina. *Prob. Des*, v. 42, n. 166, p. 135-156, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0301-70362011000300007&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 22 maio 2020.
- SANTANA, V. S.; KISS, L.; ANDERMANN, A. The scientific knowledge on child labor in Latin America. *Cad. Saúde Pública*, v. 35, n. 7, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000900201&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 ago. 2020.
- SILVA, G. C. O.; IRIART, J. A. B.; CHAVES, S. C. L.; ABADE, E. A. F. Características da produção científica sobre o trabalho infantil na América Latina. *Cad. Saúde Pública*, v. 35, n. 7, e00031018, 2019. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2019000902001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, M.; TULESKI, S. Dificuldades de aprendizagem em cena: o que o cinema e a psicologia histórico-cultural têm a dizer sobre a dislexia. *Interfaces da Educação*, v. 5, n. 14, p. 177-199, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/466>. Acesso em: 20 ago. 2020.

UNICEF. *COVID-19 and Child Labour: a time of crises, a time to act*. UNICEF/ILO joint publication, 2020. Disponível em: <https://data.unicef.org/resources/covid-19-and-child-labour-a-time-of-crisis-a-time-to-act/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965). 1999a.

VIGOTSKI, L. S. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1968). 1999b.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico: livro para professores* (Z. Prestes, Trad.). São Paulo: Ática. (Original publicado em 1930), 2009.

